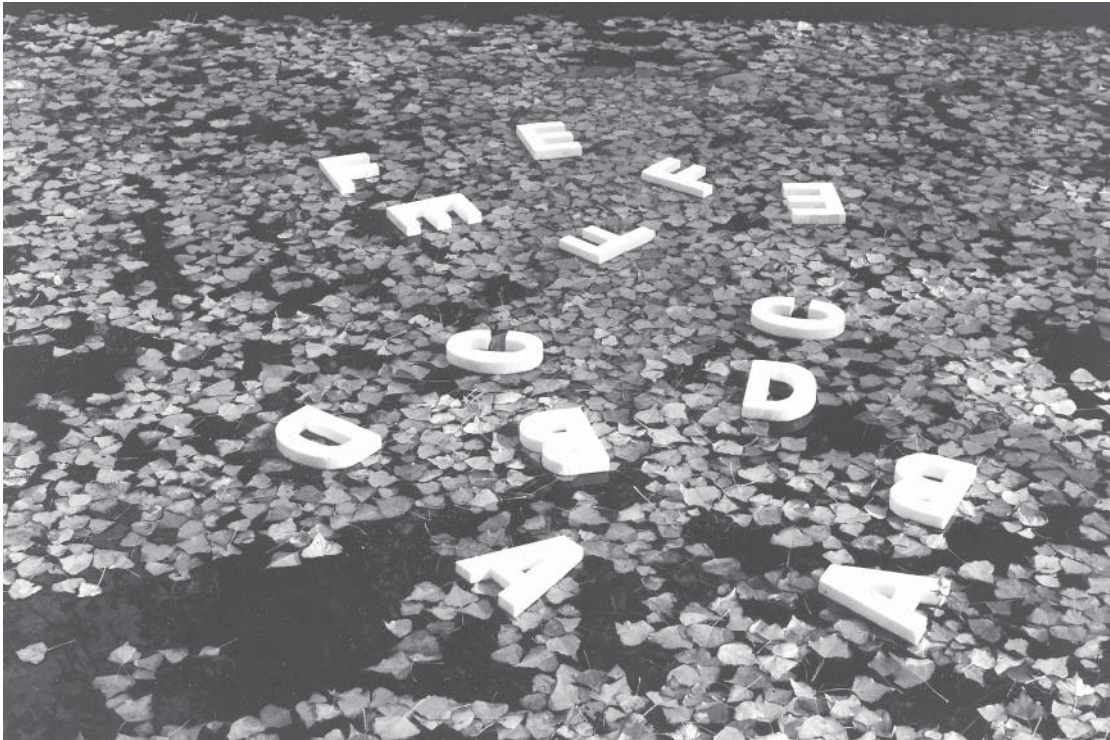


ENTREVISTA: FERNANDO AGUIAR

O entrevistado¹ é o poeta português **FERNANDO AGUIAR**, que vai nos falar de poesias pouco praticadas no Brasil: poesia sonora², poesia performática, fotopoesia e instalação poética.

JORGE LUIZ ANTONIO³ – Meu primeiro contato com a sua poesia foi em *DIMENSÃO: Revista Internacional de Poesia*⁴, de Uberaba, Minas Gerais, editada por Guido Bilharinho, em seu número 28/29, de 1999, página 111: um fotopoema. Fiquei admirado com a composição que você construiu para uma fotografia. Eis o fotopoema:



Fernando Aguiar – “Soneto de Outono” (fotopoema), 1989

Além de agradecê-lo por aceitar fazer essa troca de ideias, gostaria de começar pedindo-lhe para que fale um pouco sobre a origem desse tipo de poesia para você.

FERNANDO AGUIAR – A minha formação é de *designer* e os meios técnicos sempre foram importantes para mim. Como tal, não podia deixar de utilizar a fotografia na criação poética, tanto mais que quando comecei a fazer os meus primeiros fotopoemas, no início dos anos 80, eram raros os poetas que utilizavam este meio para criar a sua poesia. Para além da inovação que era “escrever” um poema através de uma máquina fotográfica e dos novos horizontes que essa possibilidade abria, o fotopoema, tal como eu o interpreto (que não é a mesma coisa que fotografar um poema visual já existente), tem ainda uma característica única: é que só a fotopoesia consegue fixar um determinado momento poético. Dando o exemplo do “*Soneto de Outono*”, só através da máquina fotográfica foi possível fixar aquelas letras (que configuram a estrutura de um soneto) dentro de um lago, rodeadas de folhas caídas das árvores e conseguir assim o poema, que de outra forma seria impossível de fixar e mostrar posteriormente.

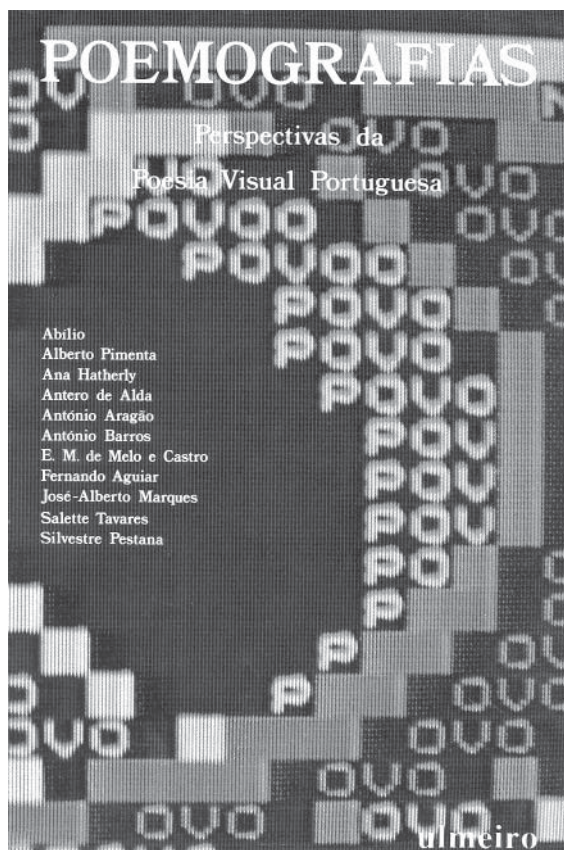
JORGE LUIZ ANTONIO - A sua poesia ultrapassa o limite dos meios bidimensionais impressos e vira *performance*, instalação e poesia visual com os mais diferentes recursos. Contudo, sempre a letra é o seu ponto de partida. De que forma a tecnologia é uma ajuda à sua expressão poética?

FERNANDO AGUIAR - Sempre procurei utilizar outras técnicas e suportes que pudessem potenciar o poema que estava a criar e que, simultaneamente, permitissem um trabalho de pesquisa e de experimentação que é uma constante do minha poesia. Nessa perspectiva, o uso da tecnologia foi mais um suporte para a criação poética como outros com que fui trabalhando ao longo dos anos, e que condicionou ou valorizou o poema segundo as suas características específicas.

JORGE LUIZ ANTONIO - Você é formado em *Design* de Comunicação e leciona Educação Visual no ensino secundário. A sua formação facilita essa busca das novas linguagens para a poesia?

FERNANDO AGUIAR - A minha formação em *Design* e em Belas-Artes reflecte-se bastante na poesia que faço. Ao contrário dos poetas que têm uma formação literária e que, normalmente, ficam mais "agarrados" à palavra, eu tenho uma maior apetência (e também facilidade devido a essa formação) para experimentar novos suportes e para potencializar o poema através da sua visualidade.

JORGE LUIZ ANTONIO - Por intermédio do Prof. José Ribeiro, da Universidade Aberta de Lisboa, que esteve no Brasil em Setembro/2004, o Silvestre Pestana me enviou o livro "*POEMOGRAFIAS: Perspectivas da Poesia Visual Portuguesa*" (1985)⁵, editado por você e pelo Silvestre. Trata-se de uma obra representativa das tendências poéticas dos anos 80 e, hoje, passados mais de vinte anos, considero um registro importante para compreender esse movimento que foi a Poesia Experimental Portuguesa. Peça-lhe que fale sobre o projeto do livro e, também, como repercutiu essa publicação.



Fernando Aguiar e Silvestre Pestana (Org.) – Poemografias, livro, 1985⁶

FERNANDO AGUIAR - O livro "*POEMOGRAFIAS*", apesar de já ter mais de 20 anos é, ainda assim, a mais recente publicação colectiva dos poetas experimentais portugueses. Depois desse livro organizei algumas antologias de poesia visual portuguesa, mas apenas com poemas, enquanto que "*POEMOGRAFIAS*" tem uma perspectiva teórica de cada poeta, para além dos poemas visuais.

Em 1983, durante os "*Encontros Internacionais de Arte Viva*" organizados pelo crítico Egídio Álvaro em Almada, uma cidade frente a Lisboa, na outra margem do rio Tejo, o Silvestre Pestana e eu sentimos a necessidade de fazer o ponto da situação em relação à poesia experimental

e tentar reavivá-la, visto ter entrado num período de relativa estagnação, depois dos tempos históricos dos anos 60 e da primeira metade dos anos 70. Resolvemos convidar todos os poetas que até aí desenvolviam um trabalho mais ou menos regular no campo da poesia experimental, pedindo-lhes que dessem a sua visão sobre a poesia experimental em geral, que divulgassem os caminhos que estavam a seguir e que perspectivassem aquilo que poderia ser o futuro próximo de poesia experimental, numa altura em que se começava a falar de computadores (a capa do livro é precisamente um poema feito em computador pelo Silvestre Pestana, que foi o autor dos primeiros *computer-poems* em 1981/83), de videopoemas, *performances*, instalações poéticas, etc. Pedimos igualmente um conjunto de poemas experimentais e visuais, de preferência inéditos. Todos responderem com entusiasmo, e o livro que pretendíamos que tivesse apenas umas dezenas de páginas, acabou por ter cerca de 280.

Para mim, para além da experiência organizativa⁷ (que se revelou fundamental para o meu trabalho futuro até ao final dos anos 90) houve dois factores de extrema importância: o primeiro foi o facto de ter conhecido pessoalmente todos os intervenientes no livro, dos quais apenas conhecia o António Barros e o Silvestre Pestana. O segundo, que na altura passou despercebido, é que foi das primeiras vezes que se utilizou o termo "poesia visual" num livro, catálogo ou outro documento publicado. Apesar de na altura ninguém ter dado muita importância a esse facto, a verdade é que a adopção do termo "Poesia Visual Portuguesa" que a partir daí passou a ser utilizado correspondeu também a uma nova atitude poética e a uma abertura efectiva a outros suportes e a outras técnicas expressivas dentro da poesia portuguesa.

Foi sobretudo por essa razão que, quando em 1999 o Museu de Arte Contemporânea de Serralves fez a mais importante retrospectiva da Poesia Experimental Portuguesa realizada até hoje, usou o ano de 1985 e a publicação de "*POEMOGRAFIAS*" como o ponto de viragem da poesia experimental - daí a exposição intitular-se "PO.EX: O EXPERIMENTALISMO EM PORTUGAL ENTRE 1964 E 1984", ficando uma próxima retrospectiva para os anos posteriores a 1985⁸.

Quanto às repercussões, elas foram sobretudo imediatas. Juntamente com a publicação do livro, organizámos uma exposição itinerante constituída por uma parte dos poemas incluídos no mesmo acrescentada por outros trabalhos e por pequenas instalações, que foi apresentada em Lisboa, Torres Vedras, Évora e em Coimbra, com a apresentação de leituras e de *performances* poéticas nas respectivas inaugurações. A exposição teve uma enorme divulgação na imprensa escrita.

Posteriormente, e aproveitando o balanço da experiência organizativa e o facto de estarmos todos motivados para fazermos "coisas" novas, durante a década seguinte organizei várias exposições, Festivais de Poesia e de *Performance*, (onde sempre participaram poetas experimentais), antologias, e colectâneas de poesia visual portuguesa para várias revistas portuguesas e estrangeiras como, por exemplo, na "Dimensão", de Guido Bilharinho.

Nesses anos apareceram alguns poetas novos que ficaram mais ou menos ligados à poesia visual, mas a partir da segunda metade dos anos 90, este movimento, que nunca foi um grupo organizado, acabou por ir perdendo aos poucos a energia e neste momento apenas alguns poetas produzem regularmente poemas visuais, e com uma fraca visibilidade, porque praticamente já não se publicam livros e os poemas apresentados em exposições são também muito poucos.

JORGE LUIZ ANTONIO - No Brasil, muita gente ainda não distingue a poesia concreta da poesia visual. Em Portugal, o movimento poético da década de 60, da qual E. M. de Melo e Castro é um dos líderes, denominou-se Poesia Experimental e abrangeu não só a poesia mas, também, outras artes. A Poesia Visual Portuguesa seria, então, uma espécie de continuação da Poesia Experimental? Tenho notado, de acordo com as notícias suas, que permanece uma boa recepção para a poesia performática. Gostaria que você falasse um pouco sobre o assunto.

FERNANDO AGUIAR - Sim, a Poesia Visual é uma evolução natural da Poesia Experimental e corresponde também a uma maior utilização das tecnologias, e a um aumento da componente visual do poema.

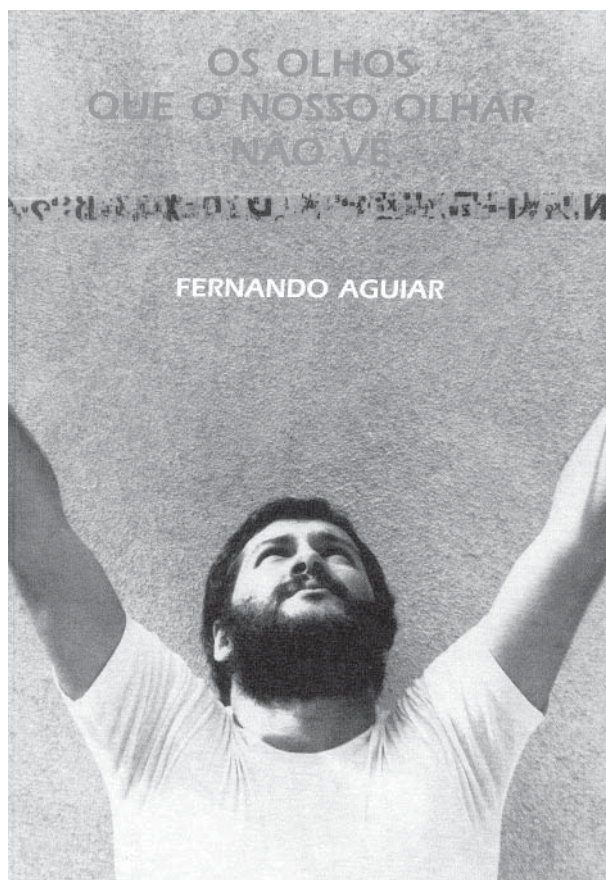
Em relação à poesia performática ou à *performance* poética (embora eu prefira chamar-lhe intervenção poética, considerando que nas *performances* que eu e outros poetas experimentais fazemos, a palavra ocupa um lugar preponderante na acção, ao contrário da *performance* "mais pura", onde o corpo e a acção corporal representam o principal elemento em cena), apesar de não

haver muitos poetas a nível internacional a realizar este tipo de trabalho (depois existe uma outra "variante", a dos poetas sonoros, que utilizam sobretudo as potencialidades da voz, mas que muitas vezes se entrecruza com actos ou acções performativas), continuam, na verdade, a ser bastante apreciadas, apesar da sua pouca divulgação. E eu sou regularmente convidado para apresentar as minhas *performances* poéticas em Festivais, Encontros de Poesia, Museus e Centros Culturais em diversos países, incluindo o Brasil, onde nos últimos anos estive seis vezes.

JORGE LUIZ ANTONIO – Gostaria que falasse como surgiu o seu interesse pela poesia.

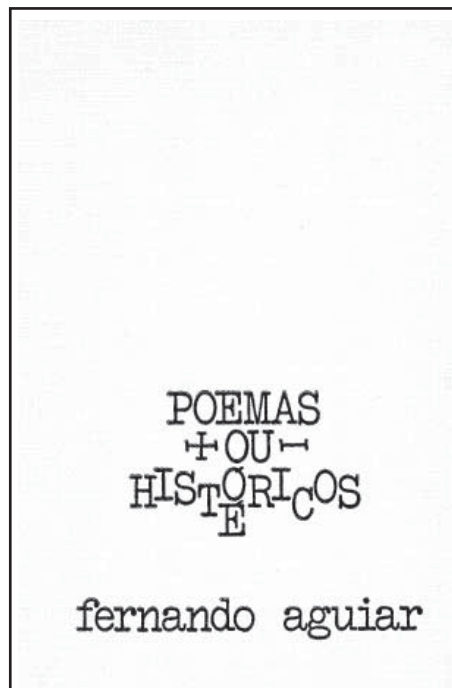
FERNANDO AGUIAR – O meu interesse pela poesia aconteceu muito cedo, mas intensificou-se quando aos 14/15 anos comecei a musicar alguns poemas (apesar de não ter formação musical) que ia encontrando nos livros de estudo. O interesse pela poesia experimental surgiu por volta dos 16 anos, numa altura em que senti a necessidade de encontrar livros com poemas que me agradassem. Entrei um dia num alfarrabista onde, depois de percorrer demoradamente as prateleiras dos livros de poesia, acabei por comprar 2 livros: os "*POEMAS POSSÍVEIS*" de um poeta que durante muitos anos se manteve desconhecido e mais tarde se revelou como romancista - José Saramago - livro que li avidamente e que em poucos dias musicuei uma dúzia de poemas (canções ainda inéditas), e um outro livro de António Aragão - "*MAIS EXACTAMENTE P(R)O(BL)EMAS*" - que na altura não entendi muito bem o que lá estava escrito mas adorei o aspecto visual. E fiz uma série de trinta e tal poemas "à António Aragão" com palavras recortadas de jornais, dois dos quais foram publicados no livro "*OS OLHOS QUE O NOSSO OLHAR NÃO VÊ*".

A partir daí, e até mais ou menos aos 25 anos o meu interesse desdobrou-se pela poesia que escrevia para as minhas músicas e pela poesia experimental, com a descoberta posterior de outros poetas que para além da poesia verbal escreviam poemas que "tinham umas formas estranhas" e "andavam espalhados pelas páginas".



Fernando Aguiar – Os olhos que o nosso olhar não vê, livro, 1999

JORGE LUIZ ANTONIO - O seu primeiro livro é "POEMAS + OU – HISTÓ(É)RICOS", de 1974. Como foi estreiar na literatura? Quais as opiniões mais importantes que o fizeram continuar produzindo poesia?



Fernando Aguiar – POEMAS + OU – HISTÓ(É)RICOS, livro, 1974

FERNANDO AGUIAR – Esse livro foi publicado quando tinha 18 anos, e na altura devorava tudo o que fosse poesia e escrevia ininterruptamente (poemas para canções, poesia experimental, os primeiros poemas visuais já feitos conscientemente com esse objectivo, e os poemas desse livro um pouco influenciados pelo surrealismo que também me interessava, sobretudo a pintura). Apesar do livro ter uma unidade bastante forte muitos dos poemas têm uma qualidade reduzida e acho que nunca os publiquei em jornais ou revistas. No entanto interpreto algumas vezes um desses poemas nas minhas performances. O livro teve uma distribuição bastante deficiente (como todos os livros de autor em Portugal), e não me recordo de ter tido qualquer crítica acerca do mesmo. Mas como sempre me interessei pela poesia, não foram necessárias quaisquer opiniões para que eu continuasse.

JORGE LUIZ ANTONIO – Sua poesia é bastante divulgada e tem uma boa aceitação. Noto isso quando mostro seus livros aos meus alunos brasileiros, que não conhecem bem a poesia portuguesa. Você acha que a poesia, além de agradar, deve conter uma mensagem social, política ou filosófica?

FERNANDO AGUIAR – Isso depende da altura, do país e principalmente das políticas e dos problemas que se estão a viver. A seguir ao 25 de Abril de 1974 a minha poesia (verbal, experimental, visual e mais tarde as *performances*) abordavam as questões sociais e políticas que se viviam na época. O mesmo acontecia com a maior parte dos artistas das várias áreas. Sentíamos que devíamos intervir socialmente e essa era a nossa forma de actuar e de darmos voz aquilo que sentíamos. Com o tempo, com a melhoria das condições sociais e com a estabilização da democracia essas preocupações foram--se esfumando. Acho que os poetas devem referir-se a essas questões se tiverem necessidade de o fazer, mas sem qualquer obrigatoriedade. No entanto devem ter sempre em atenção a qualidade do trabalho que produzem, e no caso da poesia visual preocuparem-se com a componente estética do poema. Um poema bem escrito, criativo e conseguido esteticamente, é sempre um poema interventivo e revolucionário.

JORGE LUIZ ANTONIO – "O DEDO" (*poemas em 22 andamentos*), de 1981, é o seu segundo livro. Como lhe ocorreu a elaboração de um trabalho tão icônico?

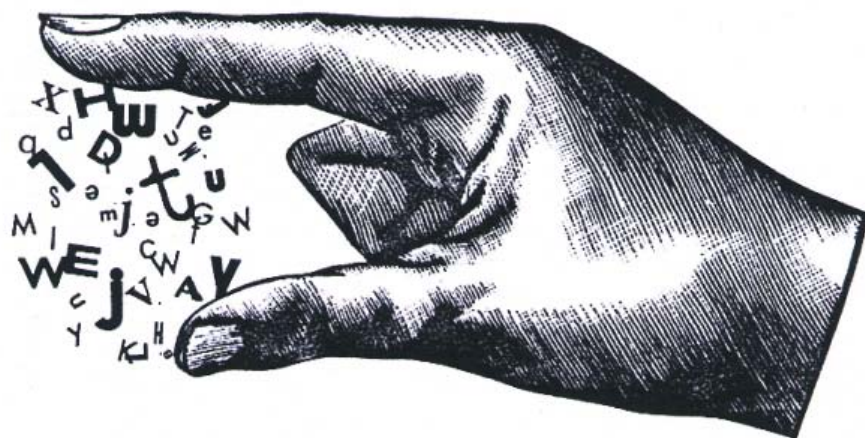


Fernando Aguiar – O DEDO, livro 1981

Antes dos seus comentários, vale a pena mostrar aos leitores o final do último poema do livro:

“os dedos construíram o país.
os dedos constroem o mundo!
É URGENTE QUE OS DEDOS
COMECEM A SER ESCRITOS
COM LETRA GRANDE!”

FERNANDO AGUIAR – “*O Dedo*” foi escrito na sequência de um trabalho para a disciplina de estética na Escola de Belas-Artes de Lisboa. O meu objectivo foi pegar num tema - todos os 22 poemas têm como tema o(s) dedo(s) - e trabalhá-lo visual e literariamente privilegiando a componente estética. Depois achei que refazendo esse projecto académico e acrescentando-lhe posteriormente outros poemas, podia dar um livro interessante, até porque o próprio livro tem a forma de um dedo. De referir que esse livro contém o meu poema mais divulgado até hoje: “*Dois Dedos de Conversa*”, que já foi incluído em mais de 40 publicações.



Fernando Aguiar – “Dois Dedos de Conversa”, 1978

JORGE LUIZ ANTONIO – Na sua poesia visual ocorre o uso de muitas tecnologias. Gostaria que me falasse, de um modo geral, sobre as suas fotopoesias e de outros tipos de poesia, como é o caso do uso do computador na sua produção poética. Sempre que possível, gostaria que você indicasse as datas de cada uma dessas atividades.



Fernando Aguiar – “Poema” (fotopoema), 1989

FERNANDO AGUIAR – Como já referi atrás, para além de ter a possibilidade de criar um poema visualmente intenso, o que nem sempre é possível com outras técnicas pictóricas, o maior encanto da fotopoesia é poder captar um instante do poema em movimento ou de uma encenação poética que não poderá persistir de outro modo a não ser registado pela câmara fotográfica. No caso do “Poema”, as letras foram colocadas por cima de folhas caídas num pequeno riacho, e o fotopoema só teve essa configuração durante breves segundos, depois continuou rio abaixo tomando outras formas (na altura não foi feito um registo em vídeo, o que foi pena). E seria possível continuar a fotografar as letras que iam tomando novas posições entre si e, desse modo, continuar a criar diferentes fotopoemas...

Quanto à poesia feita por intermédio de meios informáticos, posso considerar duas fases distintas: na primeira, iniciada a partir de 1991/1992, realizei vários poemas visuais com letras desenhadas e recortadas em computador coladas sobre telas plásticas. Os primeiros trabalhos dessa série foram apresentados em exposições individuais em Lublin (Polónia), Milão e Scandiano (Itália) e Vila Franca de Xira (Portugal). Entre 1993 e 1996 realizei outros visuais também sobre tela plástica mas de grandes dimensões (300x200 cm), que foram expostos em espaços exteriores em Portugal, no Parque D. Carlos I, (Caldas da Rainha), no Parque Central (Amadora) e no Parque da Liberdade (Sintra); em Espanha, no Museo Vostell Malpartida (onde 10 anos depois ainda se mantém uma dessas telas num espaço exterior do Museu), e no Convento di San Domenico, em Spoleto (Itália). Numa segunda fase, a partir de 2002 comecei a trabalhar/modificar digitalmente fotografias de performances das quais resultaram maquetas que serviram de base às pinturas que fiz entre 2003 e 2005; a partir de 2005 comecei e realizei e a expor fotografia digital, e em 2006 fiz uma pequena série de “*scanner-poems*”, isto é, poemas feitos directamente no *scanner* (não conheço ninguém que tenha feito este tipo de trabalho), e que podem ser impressos directamente, sem passar pelo computador.

JORGE LUIZ ANTONIO – Você é artista e poeta e, muitas vezes, faz exposições de artes plásticas. Qual é a distinção entre arte e poesia?

FERNANDO AGUIAR – Desde muito novo que publico poesia (desde os 18 anos) e participo em exposições (desde os 20 anos) e, felizmente, a poesia visual nas suas diversas variantes permite ser publicada e ser exposta. O que também resulta numa situação contraproducente. Muitas antologias literárias não têm incluído trabalhos meus porque acham que sou artista plástico, e não tenho sido convidado para muitas exposições porque me consideram poeta, mas isso é outra história....

Com o uso cada vez mais recorrente da palavra pelos artistas plásticos (pintura, instalação, fotografia, vídeo) e com o recurso inteligente da publicidade às técnicas que os poetas visuais criaram nos anos 70/80, a visualidade na escrita tornou-se de uma maneira geral aceite e conseqüentemente a separação entre as artes é cada vez menor. Actualmente muitos artistas da dança, teatro, pintura, música, vídeo, etc. produzem as suas obras recorrendo a linguagens das outras artes, tal como fazem os *performers* desde os anos 60, de modo que essa separação entre a poesia e a arte é cada vez menor e, no meu caso, nunca fez qualquer sentido.

JORGE LUIZ ANTONIO – Dentre os seus inúmeros projetos poéticos, um trabalho que me chamou a atenção foi o *Soneto Ecológico*, em 2005. Eu iniciava a disciplina *Poéticas Contemporâneas*, no Curso de Pós-Graduação em Arte Integrativa, da Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo, Brasil, e aproveitei a oportunidade da notícia que você me enviou, via *e-mail*, e convidei os alunos a iniciar a nossa disciplina assistindo à cerimônia de instalação do Projeto Ecológico. Os alunos ficaram muito interessados. Não foi possível, infelizmente, ir a Matosinhos e assistir ao lançamento do *Soneto Ecológico*, mas os alunos e eu pudemos apreciar as fotos do evento. Fale-me um pouco desse projeto.

FERNANDO AGUIAR – O *"Soneto Ecológico"* é um projecto de 1985, cuja maqueta foi exposta pela primeira vez em 1987, no Museu da Figueira da Foz, mas que só o consegui realizar em 2005, 20 anos depois de ter sido concebido. Na altura, e já preocupado com os problemas ambientais que desde então não pararam de se agravar, resolvi escrever um poema sobre o ambiente. E achei que a melhor maneira de o fazer seria escrevê-lo com as próprias árvores, e com a estrutura de um soneto: 4 filas de 5 árvores + 4 filas de 5 árvores + 3 filas de 5 árvores + 3 filas de 5 árvores. E para que o soneto tivesse rima, as árvores com que começa e termina cada fila rimam alternadamente, criando pelo género de árvore a rima A B A B + C D C D + E F E + F E F.

Com 110 metros de comprimento e 36 metros de largura, para além de ser um soneto vivo e em permanente transformação visual consoante as estações do ano, é também o maior soneto do mundo.

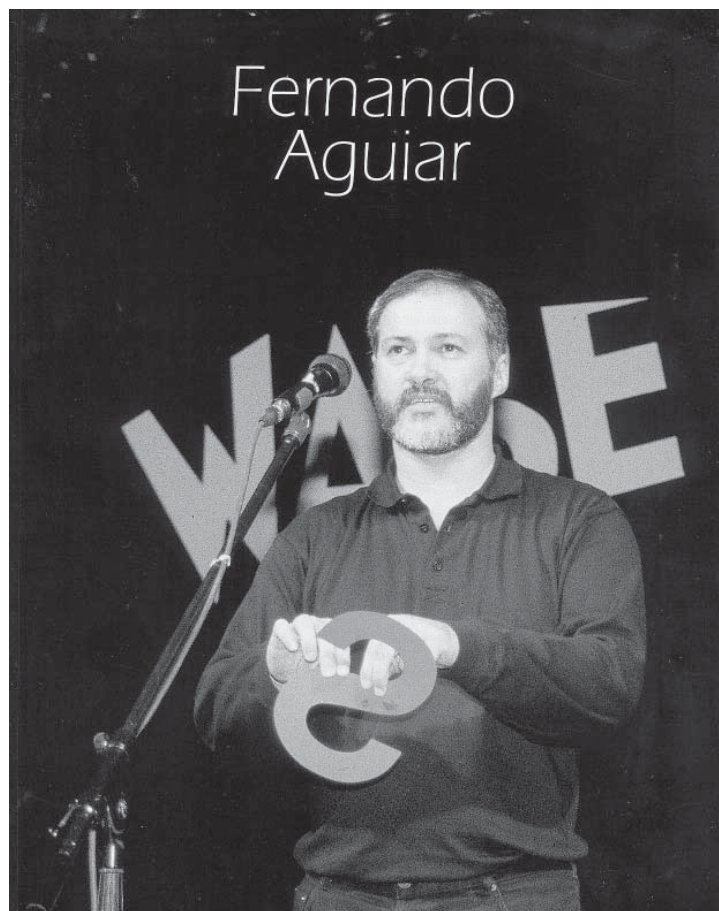
JORGE LUIZ ANTONIO – Recebi, em 2004, o catálogo da sua exposição *"A POÉTICA E O TRAJE"*, realizada no Museu Nacional do Traje, ocorrida no período de Abril a Setembro de 2004. Na Mostra Internacional de Poesia Visual e Eletrônica⁹, você apresentou um dos poemas visuais dessa coletânea. Além do excelente texto introdutório de Madalena Braz Teixeira, diretora do Museu Nacional do Traje, a mostra reúne poesia e história pelo viés do traje. Gostaria que comentasse esse conjunto de poesias visuais que, na minha opinião, deveria formar um livro.



Fernando Aguiar – Sem Título (poesia visual), 1997

FERNANDO AGUIAR – Essa exposição resultou de uma série de cerca de 60 poemas visuais que criei em 1996/97 nos quais utilizava gravuras impressas nos anos 80 e 90 do Século XIX, com *letraset* e letras autocolantes desenhadas e recortadas em computador. O interessante dessa série é que utilizava duas linguagens expressivas com mais de 100 anos de diferença entre si, mas que resultavam em imagens fortemente poéticas e bastante harmoniosas. Para a exposição no Museu Nacional do Traje foram seleccionados cerca de 20 desses poemas que tivessem uma referência mais evidente aos trajes da época.

JORGE LUIZ ANTONIO – Você já fez inúmeras *performances* poéticas individualmente e em parcerias com outros *performers*, como Alberto Pimenta, Ruggero Maggi, Rui Zink, Enzo Minarelli (poesia sonora), Nenad Bogdanović, dentre outros. Essas experiências estão registradas no seu livro "A ESSÊNCIA DOS SENTIDOS" (2001). Como são seus projetos de poesia performática? Fale sobre alguns dos seus poemas performáticos?



Fernando Aguiar – A ESSÊNCIA DOS SENTIDOS, livro, 2001

FERNANDO AGUIAR – Até hoje já apresentei mais de 130 intervenções poéticas que se podem dividir em duas fases. Na primeira, entre 1983 e 1993, as *performances* eram constituídas basicamente pela criação de grandes poemas visuais que resultavam na construção de instalações poéticas perante o público. Utilizava muita cor, elementos e palavras de grande formato, um som forte de música minimal, e raramente dizia alguma palavra nessas *performances* que privilegiavam a componente visual e nunca se repetiam. Eram obras únicas como uma pintura ou uma escultura, mas efémeras.

A partir de 1993 fui introduzindo gradualmente a interpretação de poemas experimentais uns mais encenados e outros mais trabalhados no aspecto sonoro, mas cuja estrutura vai sendo alterada de intervenção para intervenção, pelo que essas leituras nunca são exactamente iguais.



Fernando Aguiar – “Sonnet Evocation” (performance poética) “PERFORIUM` 95 – International Performance Art Meeting”, Cultural Center of Almásy Tér, Budapest, Hungria, 1995

JORGE LUIZ ANTONIO – O que é a Associação Poesia Viva?

FERNANDO AGUIAR – A Associação Poesia Viva foi criada em 1987 para apoiar juridicamente a realização do 1º Festival Internacional de Poesia Viva, que organizei no Museu Municipal Dr. Santos Rocha, na Figueira da Foz, juntamente com o E. M. de Melo e Castro e o escritor Rui Zink, que foram também os co-fundadores da Associação. Após a realização do Festival, o Melo e Castro desligou-se da Associação e, alguns anos depois, o Rui Zink, que entretanto se tornou um romancista de sucesso, fez o mesmo. Durante muitos anos mantive a Associação activa para apoiar os Festivais e as exposições que fui organizando até ao final dos anos 90, e para a edição de algumas publicações.

JORGE LUIZ ANTONIO – Quais são as suas atividades poéticas atuais e quais são os seus projetos para o futuro?

FERNANDO AGUIAR – Depois de uma fase que durou os últimos 2/3 anos na qual me dediquei sobretudo à pintura com base nas minhas intervenções poéticas, estou agora a voltar à fotopoesia e já tenho umas centenas de fotografias das quais sairão vários fotopoemas. A par disso colaboro anualmente com bastantes publicações literárias e artísticas e tenho participado em vários Festivais de *Performance* e de Poesia. Este ano participei em Festivais em Espanha, Hong Kong, Islândia, Cuba, Portugal, Brasil, e no ano passado estive na China, Espanha, Brasil, Macau, e em dois Festivais em Portugal.

Os próximos projectos são a organização de uma exposição colectiva de Poesia Visual na Galeria Pedro Serrenho, a participação na ARTELISBOA – Feira de Arte Contemporânea, e uma grande exposição individual no Centro Cultural Raiano em Idanha-a-Nova, com instalações, fotografia, videos, vários poemas gravados em blocos de granito colocados no exterior do Centro Cultural, e uma nova versão do “Soneto Ecológico”, com outro tipo de árvores, uma diferente tipologia do terreno, e com dimensões inferiores ao Soneto de Matosinhos: apenas com 54 metros de comprimento por 18 metros de largura.

NOTAS

¹ Essa entrevista foi elaborada, via *e-mail*, em várias partes e compreende um percurso da minha compreensão da obra de Fernando Aguiar, desde quando conheci seus primeiros poemas até quando pude me encontrar com ele em Coimbra, em 7 de Abril de 2006, ocasião em que fui presenteado com várias obras que ele publicou.

² Um dos tipos de poesia sonora no Brasil contou com o trabalho pioneiro de Philadelpho Menezes (1960-2000) e de seus alunos do Programa de Comunicação e Semiótica da PUC SP.

³ O prof. Dr. Jorge Luiz Antonio é parecerista ad-hoc da CONTRAPONOTOS.

⁴ *Dimensão*, publicação do Instituto Triangulo de Cultura - www.institutotriangulino.com.br, - circulou de 1980 a 2000 e trouxe uma considerável contribuição á cultura poética de vários países. É, sem dúvida, uma importante fonte de consulta aos apreciadores e estudiosos de poesia.

⁵ As dedicatórias são de datas diferentes: Silvestre Pestana assinou em 24 Ago. 2004, e Fernando Aguiar, em 7 Abr. 2006, quando nos encontramos na Universidade de Coimbra.

⁶ O livro, com 278 páginas e muitas ilustrações em preto e branco, apresenta obras criativas e teóricas de Ana Hatherly, Alberto Pimenta, Salette Tavares, José-Alberto Marques, Abílio-José Santos, António Barros, E. M. de Melo e Castro, Fernando Aguiar, António Aragão, Silvestre Pestana, Jorge Lima Barreto e Egídio Álvaro. É uma obra importante para a compreensão da poesia experimental portuguesa e, juntamente com "*POÉTICA DOS MEIOS E ARTE HIGH TECH*" (1988), de E. M. de Melo e Castro, nos oferece um panorama do movimento poético português contemporâneo.

⁷ Quando estive em Portugal, em Abril/2006, os depoimentos dos amigos do Fernando Aguiar constaram a sua capacidade de organização de documentos. Melo e Castro me afirmou que o Fernando tem uma documentação muito rica e preciosa sobre poesia experimental.

⁸ Em 5 Abr. 2006, na Escola Superior de Artes do Porto, extensão de Guimarães, assisti, em companhia de E. M. de Melo e Castro, uma palestra sobre a poesia experimental portuguesa, ministrada pelo Prof. António Preto, que apontou *Poemografias* como uma espécie de divisor de águas da poesia experimental portuguesa. António Preto defendeu, em 2005, a dissertação de mestrado "*A Poesia Experimental Portuguesa 1960-1980*" na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. O autor, que atualmente faz doutorado em Paris, vai publicar esse estudo no Brasil em 2007.

⁹ Sob a curadoria de Hugo Pontes, Jorge Luiz Antonio e Roberto Keppler, a Mostra ocorreu em Itu, SP, de 4 a 18 nov. 2005.